

# **Do Rio para o mundo na rota do café: as exposições nacionais e internacionais de café organizadas pelo Centro da Lavoura e Comércio na década de 1880**

Angela Maria Cunha da Motta Telles\*

Recebido em: 02/07/2020

Aprovado em: 08/09/2020

## **Resumo**

O Real Gabinete Português de Leitura possui significativo acervo documental sobre a história do café no Brasil Imperial. Tais documentos trouxeram à luz as exposições de café realizadas no Rio de Janeiro e no exterior, bem como outros tantos aspectos relevantes sobre a problemática da economia cafeeira no final do império. Pode-se destacar, o papel de comerciantes e financistas portugueses, sediados no Rio de Janeiro, na política econômica do país relativa ao comércio do café. A cidade do Rio de Janeiro era capital e centro econômico do país e o seu porto era o de maior movimentação comercial do Brasil, por onde se escoava o grosso das exportações de café. Partia do Rio de Janeiro a rota das exposições internacionais de café (1881-1884) organizadas pelo Centro da Lavoura e Comércio, organização não governamental, importante elo entre os cafeicultores brasileiros e os consumidores internacionais.

## **Palavras chave**

Centro da Lavoura e Comércio (Brasil); exposições internacionais de café brasileiro; comerciantes portugueses no café do Brasil

## **Abstract**

The Real Gabinete Português de Leitura has a significant collection of documents on the history of coffee in Imperial Brazil. These documents contain information over the coffee exhibitions held in Rio de Janeiro and abroad, as well as many other relevant aspects of the coffee economy at the end of the Empire. The role of Rio de Janeiro based Portuguese traders and financiers in the country's economic policy related to the coffee trade can be highlighted. Rio de Janeiro City was the country's capital and financial center and its port was the busiest commercial hub in Brazil, through which the bulk of coffee exports flowed. Departing from Rio de Janeiro, the route of the international coffee exhibitions (1881-1884), organized by the Centro da Lavoura e Comércio, a non-governmental organization, was an essential link between Brazilian coffee planters and its international consumers.

## **Keywords**

Centro da Lavoura e Comércio (Brazil); international Brazilian coffee exhibitions; Portuguese merchants in Brazilian coffee

---

\*Doutora em História. Diretora da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, integrante do polo de pesquisa sobre relações luso-brasileiras, e professora auxiliar da Universidade Estácio de Sá dos cursos de História e Relações Internacionais. Email:angela\_telles@yahoo.com.br.

O Centro da Lavoura e Comércio era uma associação não governamental, criada em 1881, com a finalidade de ser elo entre cafeicultores brasileiros e os consumidores internacionais.

O Centro da Lavoura e Comércio é uma delegação das duas classes as mais importantes da sociedade brasileira – A agricultura e o comércio – encarregados de fazer conhecer as obras e de interpretar os sentimentos e as ideias diante do governo do país e junto aos povos estrangeiros. Estreitamente ligados por solidariedade, os membros do centro representam, por suas casas de comércio no Rio de Janeiro e por seus estabelecimentos agrícolas na zona cafeeira, interesses muito consideráveis.<sup>1</sup>

A pesquisa teve início nas páginas da *Revista Illustrada* (1876-1898), de Angelo Agostini, que propiciou a revelação de significativo acervo documental sobre a história do café no Brasil Imperial, conservado no Real Gabinete Português de Leitura, dentre os quais destacam-se: *Breve notícia: Primeira Exposição de Café e Segunda Exposição de Café* (Fig.1), publicadas pelo Centro da Lavoura e Comércio;<sup>2</sup> e o catálogo da exposição de Amsterdã, *Le Brésil à Exposition d'Amsterdam*, 1883 (Fig.2), organizado por Eduardo Lemos com colaboração do escritor Ramalho Ortigão. Este catálogo serviu de modelo ao diplomata Paranhos Junior (futuro barão do Rio Branco) para a confecção do catálogo *Le Brésil à L'exposition de S. Petersbourg* (1884)<sup>3</sup> (Fig.3), bem como ao *Le Brésil* (1889), na *Grande Encyclopédia* organizada por Lavasseur. Visavam tais catálogos à divulgação do café e do país. Tais documentos trouxeram à luz as exposições de café organizadas pelo Centro da Lavoura e Comércio no Rio de Janeiro e no exterior (1881-1884), bem como outros tantos aspectos relevantes sobre a problemática da economia cafeeira no final do império, atingida pela depressão da economia mundial (1873 a 1896). Pode-se destacar, dentre os aspectos relevantes observados nessa documentação, sua importância para a compreensão do papel de comerciantes e financistas, sediados no Rio de Janeiro, na política econômica do país relativa à lavoura e ao comércio exterior. Momento de queda drástica dos preços dos produtos agrícolas e aumento considerável da produção de café, sem que houvesse aumento correspondente à demanda. Foi um período de grandes transformações na economia mundial: um mundo que passou a ser movido a vapor, o que possibilitou o surgimento de um mercado agrário mundial integrado. Ou seja, nesse período de 1871 a 1914:

(...) o entrelaçamento da economia mundial numa única economia global, dominada por relações sociais capitalistas, alcançou nova qualidade. A mobilidade mais elevada de fatores de produção (trabalho e capital) e o aumento do comércio mundial incrementaram as relações econômicas entre os Estados de modo decisivo. (...) Apesar do retorno gradual ao protecionismo depois de 1878, o comércio mundial aumentou anualmente 3,4%, em média, entre 1870 e 1914. Só entre 1890 e 1914, ele multiplicou-se por três.<sup>4</sup>

Pode-se observar que, nesse momento de entrelaçamento da economia mundial numa única economia global, não foram poupados esforços pelos atores que integravam o Centro da Lavoura e Comércio no sentido de divulgar o café, nosso principal produto de exportação. Nas palavras de Topick:

Entre 1822, o ano da independência, e 1889, as exportações brasileiras de café cresceram 75 vezes e o consumo mundial aumentou mais de 15 vezes no século XIX. (...) cerca de 80% da expansão da produção mundial de café no século XIX deveu-se ao Brasil. E não se tratava de mercado marginal: no começo do século XX o valor das transações internacionais com o café só era superado pelo dos cereais e do açúcar. Assim a produção brasileira ajudou a redefinir a natureza do mercado de consumo, (...) baixando os preços do produto suficientemente para que ele alcançasse um mercado de massa.<sup>5</sup>

Taunay no clássico *História do café no Brasil*, no volume sexto, tomo IV (1939), ressalta a importância do Centro da Lavoura e Comércio na divulgação do café no exterior nesse momento de queda dos preços do café e reviravolta na economia mundial.

A diminuição considerável do valor do café atingia todas as classes da sociedade: por isto fora geral a ansiedade nos dois últimos anos pela adoção de providências tendentes a melhorar uma situação que fora sempre agravando.

Era de rigorosa justiça mencionar, entre os que maior, e mais inteligente zelo, haviam mostrado pela causa em perigo, estava o ativo Centro da Lavoura e Comércio.

Se era certo que trabalhava pelo interesse próprio, não menos exato que contribuía eficazmente para a prosperidade comum; assim bem merecera do país.<sup>6</sup>

Nas notícias sobre a primeira e a segunda exposição de Café (*Breve notícia... 1882 e 1883*), publicados pelo Centro da Lavoura e Comércio, percebe-se farta documentação abrangendo a problemática econômica relativa ao café, como, personagens envolvidos com a logística organizacional das exposições de café no Brasil, quadros estatísticos, relação dos expositores, relação das casas exportadoras, reportagens de jornais, aspectos particulares das exposições nos diferentes países, premiações e etc. As notícias sobre a primeira exposição (que aconteceu em novembro de 1881, apesar de as notícias serem publicadas em 1882) iniciam com a “Representação apresentada ao poder Legislativo”, na qual são expostos erros da economia brasileira, e, ao mesmo tempo, apontam as diretrizes econômicas e de relações comerciais que deveriam ser seguidas para que o Brasil não perdesse sua posição no mercado mundial. Havia a concorrência com a produção de café de Java, México, Cuba, Jamaica etc.

Pode-se assinalar, dentre os personagens que foram alvo do lápis crítico de Agostini, os comendadores Eduardo Lemos e Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, irmão do escritor português José Duarte Ramalho Ortigão (Fig.4.1), figuras de destaque na sociedade da época

(hoje esquecidos), que eram integrantes do grupo de portugueses vinculados ao alto comércio de café, bem como às associações beneficentes e culturais portuguesas. Ambos foram presidentes do Real Gabinete Português de Leitura e responsáveis pela construção do atual prédio desta biblioteca, cujo teto traz em relevo ramos de café.

Cabe ressaltar que Eduardo Lemos e Ramalho Ortigão, com a construção monumental do Real Gabinete, um templo a Camões, quiseram imprimir uma nova imagem de Portugal no Brasil, vinculando a língua e a arte como elementos de união Brasil-Portugal, e emprestando à classe de comerciantes portugueses a nobre tarefa de serem os guardiões e propagadores da cultura lusófona no Brasil. Isso pode ser percebido na decoração do prédio da biblioteca que traz elementos significativos da História de Portugal (Descobrimientos) e da história do Brasil (café). Os destacados comerciantes portugueses, Lemos e Ortigão, foram idealizadores e membros do Centro da Lavoura e Comércio Rio de Janeiro. Foi do centro, mais especificamente de Ortigão, a ideia das primeiras exposições de café do Brasil no exterior, visando a propaganda e o aumento do consumo de nosso principal produto de exportação. Tal ideia foi acatada pelo governo imperial e o centro assumiu a responsabilidade de organizar mostras de café no Brasil e no exterior.

As exposições ocorreram entre 1881 e 1884 em diferentes capitais europeias, nos Estados Unidos, no Canadá e na Argentina. Eduardo Lemos foi escolhido para ficar à frente dessa empreitada organizacional, sendo mesmo nosso delegado na exposição de café, em Amsterdã (1883). Por motivo de doença, não podendo comparecer à exposição de São Petersburgo (1884), foi substituído pelo futuro barão do Rio Branco, Paranhos Júnior, nosso cônsul em Liverpool, e, que havia demonstrado conhecimento sobre o assunto, em relatório encaminhado ao governo imperial.

Paranhos Júnior fez a seguinte descrição do centro no catálogo da exposição de São Petersburgo:

O Centro da Lavoura e Comércio é uma associação jovem e poderosa cujos membros representam, por suas casas comerciais no Rio de Janeiro e seus estabelecimentos agrícolas na zona cafeeira, interesses de importância considerável.

O presidente é um dos mais ricos agricultores do Brasil, o visconde de São Clemente, irmão e associado do simpático visconde de Nova Friburgo, ambos dignitários do império e viadores de sua majestade a imperatriz.

O vice-presidente é o comendador Ramalho Ortigão (Joaquim da Costa) negociante de café no Rio de Janeiro, espírito muito esclarecido, homem enérgico e muito devotado aos interesses da agricultura.

O secretário é o senhor Honório Ribeiro, um dos mais ilustres advogados do Rio de Janeiro e senhor Hermano Joppert, rico negociante.

O tesoureiro é o jovem barão de Quartin.

Os outros membros do conselho de administração são: os senhores barão de Araujo Ferraz, Eduardo Lemos (o mesmo que organizou a bela exposição brasileira de Amsterdam), Miranda Jordão, Araújo Maia (comissionado para a presente exposição de cafés na Rússia), Mello Franco, visconde de Miranda e Bruno Ribeiro, todos grandes agricultores e grandes negociantes.<sup>7</sup>

### **O Rio de Janeiro capital e centro econômico do país**

As exposições de café do Brasil planejadas pelo Centro da Lavoura e Comércio partiram do Rio e percorreram o mundo entre 1882 e 1884: EUA (Boston, Nova York, S. Louis); Inglaterra (Londres); Canadá (Montreal e Toronto); Áustria (Trieste e Viena); Suíça (Genebra, Lausanne e Zurich); Alemanha (Berlim); Dinamarca (Copenhague); Noruega (Oslo); França (Paris); Bélgica; Grécia; Rússia (S. Petersburgo); e Argentina (Buenos Aires). A primeira, em 1881, aconteceu no Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro era a capital e centro econômico país, e seu porto era o de maior movimentação comercial do Brasil, por onde se escoava o grosso das exportações de café. O café “Rio” foi o mais valorizado internacionalmente até o final do império. A importância econômica da cidade foi assinalada no catálogo da exposição de café em Amsterdã ao ressaltar que, a receita alfandegária da capital imperial, em 1882, destacava-se das demais receitas de todo o império, que somente na soma conjunta assemelhavam-se a sua receita.<sup>8</sup> José Murilo de Carvalho, baseado na obra de Amaro Cavalcanti, *Resenha financeira*, de 1889, analisa o valor oficial da produção agrícola exportada no período de cinco anos, que vai de 1881-2 a 1885-6, e destaca o Rio de Janeiro (29,31) em relação às demais províncias do império. Em seguida vinha São Paulo (22,08) e Minas Gerais (10,79).<sup>9</sup>

Pelos dados atualizados por Paranhos Júnior (futuro Barão do Rio Branco) no catálogo de São Petersburgo (1884), nota-se que a maior parte dos exportadores era do Rio de Janeiro, contabilizando 464 produtores. Em seguida vinha Minas Gerais, com 277 produtores; depois São Paulo, com 166; o Espírito Santo, com 27; e o Ceará, com apenas 2 produtores. Portanto, era o Vale do Paraíba do Rio de Janeiro que liderava as exportações na década de 1880.<sup>10</sup>

Outro aspecto significativo destacado no catálogo da exposição de São Petersburgo foi a quantidade de mulheres produtoras e exportadoras de café que participaram da mostra. A marquesa do Paraná foi uma dessas mulheres empresárias do café das províncias de maior produção de café do império, sobretudo do Vale do Paraíba. Cabe observar que as mulheres

fazendeiras no Vale do Paraíba foram objeto do livro *Donas do café*, de Leila Villela Alegrio, que destaca número significativo de mulheres na administração de suas propriedades.<sup>11</sup> Eram, portanto, poderosas empresárias essas mulheres que contribuíram para impulsionar a difusão do café brasileiro mundo afora. Destacam-se muitas “Marias” (Fig.5) na relação apresentada no catálogo. “Marias”, como D. Maria dos Anjos, que, segundo Leila Alegrio, havia herdado uma antiga fazenda (1851) e soube transformá-la numa propriedade com 320 mil pés de café (1893). D. Maria dos Anjos investiu em “engenhos com mecanismo de motores hidráulicos, com descascador, ventilador, brunidor e despoldadores de café, paióis, oficinas, hospital, serraria, tulhas, estrebarias, ranchos e moinhos”.<sup>12</sup>

Outro aspecto significativo apontado no catálogo de S. Petersburgo é a quantidade de empresas exportadoras no Rio de Janeiro (132), em comparação com Santos (26), mostrando a importância da então capital imperial na rota comercial do café. A maioria delas de propriedade de estrangeiros, sendo algumas filiais de companhias internacionais. Como observa Gomes Pereira, sua localização reflete a importância que tinha a então capital do país no comércio do café.<sup>13</sup>

Como observa José Murilo de Carvalho, as rendas do Estado se prendiam estreitamente ao comércio exterior, ficando, portanto, na dependência dos proprietários rurais (cafeicultores). Os agricultores do Sul, sobretudo os da corte, eram os mais privilegiados na obtenção de empréstimos do governo. “No Sul, a queixa mais comum era que somente os que tinham padrinhos fortes na praça do Rio conseguiam empréstimos, pois o Banco [do Brasil] exigia endossantes em geral grandes comerciantes”.<sup>14</sup> Acrescenta José Murilo que

(...) somente no Rio de Janeiro esta combinação de burocracia, comerciantes e proprietários rurais se realizou mais plenamente. O grande desenvolvimento da economia cafeeira no Rio de Janeiro e a proximidade física da sede do governo tornaram mais viável esta combinação de capacidade e interesses na formação do Estado.<sup>15</sup>

Pode-se considerar Joaquim da Costa Ramalho Ortigão um exemplo de grande comerciante da praça do Rio de Janeiro, que contribuiu no endossamento de empréstimos junto ao Banco do Brasil para cafeicultores fluminenses. Além de ter sido um dos criadores do Centro da Lavoura e Comércio, e de ter participado da elaboração dos planos das exposições de café brasileiro, fez parte da Associação Comercial do Rio de Janeiro e do Banco do Brasil. Segundo Taborda, Joaquim Ramalho Ortigão era “figura proeminente da colônia portuguesa e, por seus altos conhecimentos de economia política e competência

comercial, mereceu ser escolhido para fazer parte da comissão de reforma dos estatutos do Banco do Brasil (1887)”.<sup>16</sup>

### **Breve passagem sobre a historiografia relativa da história do café no Segundo Reinado**

Antes de continuarmos o exame do material da pesquisa, cabe ressaltar a importância da obra clássica de Taunay sobre a *História do café no Brasil* (1939), bem como da historiografia diplomática brasileira para compreensão da história do café e do comércio exterior do final do império.<sup>17</sup>

Destacamos que a historiografia diplomática brasileira, preocupada com a memória de Rio Branco, seu patrono, fornece material, não só para compreensão da atuação de Rio Branco na exposição de café na Rússia, bem como para a problemática da economia mundial do final do século XIX e de personagens envolvidos na economia cafeeira. Não cabe no presente trabalho fazermos uma revisão da historiografia sobre a questão. Apesar da relevância das exposições de café para compreensão da política comercial do país no final do império, não há estudos sobre essas mostras, nem sobre seus autores. Percebe-se que a historiografia sobre o assunto, depois de Taunay (1939), silenciou-se. Celso Furtado e José Murilo, por exemplo, percebem que houve um aceleração da economia em meados da década de 1880, impulsionada pelo comércio exterior, cuja mola propulsora era o café. José Murilo de Carvalho, em *Construção da ordem* e em *Teatro de sombras*, vai indicar a necessidade de se estudar o papel de comerciantes e financistas para se observar se houve ou não interferência dos mesmos na política econômica do império. Segundo J. Murilo, os negociantes de café eram homens que possuíam o conhecimento e a experiência comercial, sabendo conciliar os interesses da produção e do comércio. Como observou José Murilo de Carvalho, “esse grupo de comerciantes e financistas, embora não participasse formalmente das posições de poder, merece estudo adicional a fim de se estabelecer sua real influência nas decisões políticas”.<sup>18</sup>

Em estudos mais recentes, como a *História do café*, de Ana Luiza Martins, percebe-se que a tônica foi mostrar a história do café com ênfase na história da província de São Paulo. A autora chega a apontar que “a produção paulista permaneceu por bom tempo aquém da daquela do Rio de Janeiro. Sabe-se que, ainda em 1859, 78% da produção da colheita procediam do Vale do Paraíba fluminense, enquanto São Paulo contribui com apenas 12% da produção (...)”.<sup>19</sup> Ana Luiza, no entanto, acabou caindo na armadilha da narrativa de trabalhos

produzidos na década de 1970.<sup>20</sup> Vê-se em seu *História do café* que não há nenhuma linha sobre o Centro da Lavoura e Comércio, mencionando apenas as duas primeiras exposições nacionais de café para fazer uma afirmativa sem fundamento, ao dizer que os organizadores das mostras aprenderam as táticas da propaganda com um comerciante de máquinas estadunidense, *Lidgerwood*, estabelecido em Campinas/SP, entre 1850 e 1860.<sup>21</sup>

No estudo de Marquese e Tomich<sup>22</sup> também não há nenhuma linha sobre o Centro da Lavoura e Comércio ou, mesmo, sobre as exposições de café, embora os autores tenham ressaltado um aspecto importante: a impossibilidade de compreender o processo da montagem da cafeicultura escravista brasileira sem se remeter a processos mais amplos, examinando suas interconexões com as condições locais. Nesse sentido, quanto ao estudo da dinâmica política local, sentimos falta da averiguação do papel dos comerciantes e financistas envolvidos na economia cafeeira (do alto comércio).<sup>23</sup>

Os documentos disponíveis relativos à história do café no Brasil Imperial conservados no acervo do Real Gabinete, fornecem pistas, que auxiliam na compreensão do papel de comerciantes e financistas na condução da política imperial relativa à economia cafeeira num momento de grande reviravolta na economia mundial. Verificou-se, que os comerciantes portugueses Lemos e Ortigão fizeram parte de um grupo de empresários e financistas do café que tiveram um papel relevante na condução do comércio exterior no final do império, que tinha como mola propulsora o café. Um momento em que “a produção média de café ultrapassa os 5 milhões de saca por ano, e o produto se consolida como o motor do desenvolvimento do capitalismo no país”,<sup>24</sup> como observaram Marquese e Tomich.

### **O Centro da Lavoura e Comércio na organização das exposições de café**

Pode-se observar que as exposições de café tiveram uma curadoria cuidadosa da parte do Centro da Lavoura e Comércio, cabendo a responsabilidade das mostras primeiramente a Eduardo Lemos. Para o bom êxito dos eventos, por solicitação do centro, cabia ao governo imperial facilitar o trânsito do café. Ou seja, a expedição de ordens necessárias para a exportação livre de direitos dos produtos destinados as exposições, além de transporte gratuito nas vias férreas, promovendo ainda os subsídios pecuniários que fossem necessários.

Em *Breve notícia sobre a Primeira Exposição de Café do Brasil* (Rio de Janeiro, 1882), há uma apreciação interessante resumindo a política econômica sustentada e defendida pelo centro, ao inaugurar a primeira exposição de café, na presença do imperador Pedro II.



Discurso inaugural, proferido por parte do Centro da Lavoura e Comércio, é a primeira manifestação oficial pública da política econômica sustentada e defendida pela associação. Nele se contém todas as teses que posteriormente se tem ventilado na imprensa, no parlamento, nas discussões de todos os interessados. Tais são: o crédito pignoratício; as vias de transporte e comunicação; a regularização dos impostos de importação e exportação, provinciais e outros; e finalmente, o desenvolvimento das relações comerciais do Brasil com os países estrangeiros, base de seu progresso e engrandecimento como centro, que é, de grande produção.<sup>25</sup>

Na percepção do centro, o aumento de despesas do Estado e o regime de pesados impostos sob a chamada “indústria da agricultura” fizeram com que a lavoura fosse a que mais sofresse, como mostra o seu relatório de 1881.

(...) a lavoura foi tributada nas suas exportações; gravada no preço de suas subsistências e de seus elementos de trabalho, pelo aumento de impostos sobre importações; cercada em seus rendimentos pelas exageradas rendas usufruídas por empresas de transporte de seus produtos; onerada com impostos provinciais, nem sempre sabiamente decretados e tão poucas vezes equitativamente distribuídos.

Finalizando o discurso:

Todas essas ponderações e tantas outras que a nossa sabedoria suprirá à nossa insuficiência, serão o bastante para determinar a adoção franca, sincera e resoluta de uma política internacional, fundada principalmente nos intuítos comerciais do Brasil e nos verdadeiros interesses nacionais.

Os suplicantes, sem quererem atribuir às suas solicitações uma escala de mérito que poderia parecer arbitrária, não podendo, contudo, deixar de especializar a importância capital e a benéfica influência resultante da redução dos direitos de exportação e da regularização definitiva dos de importação, por via de tratados de comércio com as nações estrangeiras.<sup>26</sup>

No que concerne às relações comerciais, sugerem o estabelecimento pelo governo imperial do regime de relações diretas, substituindo a dependência de intermediários. Recomendam que o governo tire proveito de seus representantes diplomáticos na Europa e na América para a divulgação do café. Finaliza, ressaltando que “visavam reduzir os direitos de exportação e regularização dos de importação, sobretudo, com países, como França, Bélgica, Rússia e Inglaterra”.<sup>27</sup>

Segundo Topik:

(...) um impulso sem precedentes no campo do comércio internacional e dos investimentos externos promovia rápido crescimento dos tratados e convenções bilaterais e multilaterais, à medida que se padronizavam as regras do intercâmbio diplomático e econômico. Era o primeiro episódio do fenômeno da globalização, hoje tão comentado.<sup>28</sup>

José Murilo de Carvalho, ao comparar as receitas alfandegárias de EUA, Brasil e Chile na segunda metade do século XIX, destaca que o Brasil era o que mais dependia dos impostos

sobre o setor externo da economia. Nas palavras de José Murilo, “no que se refere à capacidade fiscal do governo em geral, o que fica evidente é a grande dependência em relação ao setor externo.”<sup>29</sup>

Ao mesmo tempo o centro percebia que a “desoneração não é o único meio de devolver aos cafés brasileiros preços verdadeiramente rentáveis, estendendo e multiplicando o consumo dessa mercadoria alimentícia de primeira ordem e de primeira necessidade”,<sup>30</sup> acrescentava que “existe outro, de eficácia quase igual, que até esses últimos tempos havia sido totalmente negligenciado. Queremos falar das exposições de café e bolsas de café”.<sup>31</sup>

As diretrizes a serem seguidas para que as mostras internacionais pudessem atingir o objetivo maior, de vulgarizar o conhecimento e o consumo do café do Brasil mundialmente, foram publicadas pelo Centro em *Breve notícia sobre a Primeira Exposição de Café*:

As exposições nos mercados estrangeiros serão organizadas segundo um plano especial, que será oportunamente elaborado sob consulta do alto comércio e cônsules estrangeiros, e da Associação Comercial do Rio de Janeiro; de modo e em termos que se realize, na sua maior plenitude a ideia de vulgarizar o conhecimento e o consumo do café do Brasil nos seus mercados atuais e naqueles onde ainda não é conhecido.

As exposições de café, pode-se dizer, partiram de uma iniciativa privada, que acabou por sensibilizar o governo imperial e obter o seu apoio.

O centro faz as disposições seguintes, que ele submete ao ministro em 15 de julho de 1881:

- Todos os anos, durante o mês de outubro ou de novembro, se fará no Rio uma exposição de café brasileiro, compreendendo, sobretudo, as províncias do Rio, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo.
- O governo imperial fornecerá transporte gratuito e outras facilidades aos produtos destinados à exposição.
- Uma exposição de desenhos e de modelos de máquinas agrícolas será anexada à exposição de café.
- Enquanto durar a exposição, serão realizadas conferências sobre questões econômicas relativas ao café.
- As companhias de estradas de ferro disponibilizarão lugares a preços reduzidos às pessoas que desejarem visitar a exposição.
- Depois do encerramento de cada exposição anual, as amostras expostas serão divididas por séries, e enviadas para Europa e para América do Norte, afim de serem expostas sob os cuidados dos cônsules brasileiros.

Foi decretada numa mesma disposição as exposições nacionais e internacionais.

O ministro aprovou essas sábias medidas e em 14 de novembro de 1881 a primeira exposição de café do Brasil teve lugar no Rio de Janeiro.

Uma comissão de organização foi nomeada pelo Centro da Lavoura e Comércio.<sup>32</sup>

Cabia ao governo, como pode-se observar, facilitar transporte, desonerar a mercadoria destinada às exposições, instruir seus cônsules para trabalharem na realização dos eventos. Ao centro cabia arcar com a logística organizacional e com os demais custos das mostras.

Nas palavras de Taunay:

Tantos, tão inteligentes e continuados esforços não haviam ficado baldados. O corpo legislativo votara a redução de 2% nos direitos de exportação do café, e o governo imperial, conformando-se com o parecer de uma comissão incumbida da revisão da tarifa da estrada de ferro D. Pedro II, resolvera que, de 1 de janeiro de 1883 em diante, se fizessem nesta tarifa, quanto ao café, reduções justas e apreciáveis. Com estes auxílios podia-se assegurar que a lavoura do café atravessaria a crise.<sup>33</sup>

A rota do café visava, sobretudo, a América do Norte e a Europa. O modelo deveria seguir a lógica expositiva da primeira mostra organizada no Rio de Janeiro por Eduardo Lemos nos salões da Imprensa Nacional em fins de 1881. A exposição foi inaugurada pelo imperador Pedro II. Como pode-se observar no texto destacado:

A exposição se deu nos salões da Imprensa Nacional.

O imperador, que se interessa com tanta solícitude a todos os progressos e a todos os desenvolvimentos econômicos de seu país, inaugurou ele mesmo esta bela exposição. Os produtos ocuparam quatro salões.

No salão de honra, uma coleção de cafés metodicamente classificados informava aos visitantes sobre a história do trabalho e as numerosas transformações que sofreu o produto antes de ser liberado a consumação.

As salas laterais continham 1: 145 amostras diversas enviadas por muitos expositores de diferentes províncias de produção.

574 amostras provinham da província do Rio de Janeiro; 371 eram provenientes de Minas Gerais; 130 foram expedidas de São Paulo; 18 do Espírito Santo; 52 de províncias diversas.<sup>34</sup>

Percebe-se que as amostras de café vinham, sobretudo, das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. Vieram, também, amostras do exterior do país (para poder fazer comparação com o produto nacional). Tais amostras eram classificadas por tonalidade e aroma. Além disso foram expostas máquinas que beneficiavam a produção visando mostrar os progressos técnicos vinculados à cafeicultura do país. Paralelamente, conferências foram realizadas. Foram expostas ainda vistas das fazendas de café, encomendadas ao pintor Facchinetti (1824-1900). Tais vistas, pode-se afirmar, faziam parte das estratégias didáticas que visavam a divulgação do café e do país.<sup>35</sup> (Fig.6)

A estratégia expositiva da primeira exposição parece ter dado certo. Segundo relato da época, todas as pessoas competentes que visitaram a exposição e que estudaram as diferentes amostras que elas continham chegaram a esta conclusão:

Os cafés do Brasil apresentam uma diversidade, uma variedade, que não se encontra em nenhum outro país produtor; as melhores amostras podem ser comparadas quanto as qualidades as mais estimadas de outros países; não falta aos cafés brasileiros cuidados materiais de ensacamentos para lhes assegurar sem contestação o primeiro lugar.<sup>36</sup>

O intuito dessa exposição realizada no Rio de Janeiro era premiar e selecionar os melhores produtores de café do Brasil para participarem das futuras exposições internacionais organizadas pelo centro. Visava-se ressaltar a qualidade do café brasileiro e difundi-lo mundialmente. Cabe salientar que o café brasileiro que chegava ao exterior não era de boa qualidade porque sofria misturas inapropriadas de intermediários e, muitas vezes, era comercializado como sendo de outra procedência. Para o bom êxito das mostras no exterior deveria ser obedecido um plano especial previamente elaborado sob consulta do alto comércio, dos cônsules estrangeiros e da Associação Comercial do Rio de Janeiro. (Fig.7)

As exposições nos mercados estrangeiros serão organizadas segundo um plano especial que será oportunamente elaborado sob consulta o alto comércio e cônsules estrangeiros, e a Associação Comercial do Rio de Janeiro; de modo e em termos que se realize, na sua maior plenitude a ideia de vulgarizar o conhecimento e o consumo do café do Brasil nos seus mercados atuais e naqueles onde ainda não é conhecido.<sup>37</sup>

Com o plano traçado e estabelecido para as mostras internacionais, e depois da realização da primeira exposição no Rio de Janeiro em 1881, o Centro da Lavoura e Comércio apressou-se em por a execução a segunda parte visando “vulgarizar o conhecimento e o consumo do café do Brasil” mundialmente.

### **As exposições internacionais**

(...) a ideia de vulgarizar o conhecimento e o consumo do café do Brasil nos seus mercados atuais e naqueles onde ainda não é conhecido. Centro da Lavoura e Comércio, 1882.

As exposições deveriam seguir a rota de interesse comercial brasileiro e um modelo de mostra que proporcionasse impacto sobre todos os sentidos. No sentido de divulgação do país, mostrava a carta geográfica do império e paisagens tropicais panorâmicas. Além disso, preocupavam-se em ornamentar os ambientes expositivos com cortinas e sanefas nas cores da bandeira brasileira, colocando em destaque o retrato de D. Pedro II e objetos indispensáveis, simbólicos da nacionalidade. No sentido de divulgação do café, o produto poderia ser apreciado em grãos, em creme, em licores e até mesmo coado e servido em xícaras pequenas. Além do aguçamento do paladar e do olfato, deveria a museografia se preocupar em mostrar

vistas das fazendas de café, salientar os progressos técnicos proporcionados pela segunda revolução industrial na área dos progressos de maquinários para beneficiamento da produção de café, bem como mostrar a capacidade técnica do país em construções de grande envergadura, como pontes e estradas de ferro.<sup>38</sup>

A rota das exposições deveria privilegiar capitais da Europa e da América do Norte. Caberia aos cônsules brasileiros estabelecidos em diferentes capitais da Europa e da América do Norte organizar as exposições de café. Para realização desses eventos, cada cônsul recebeu 200 sacas de 50 quilos de café. (Fig. 8 e 9)

A exposição na Inglaterra:

E o cônsul do Brasil em Londres, que teve a honra de inaugurar a primeira, e em parte as suas custas, essas exposições parciais.

Desde o mês de abril de 1882, ele expôs no Palácio de Cristal de Sydenham os produtos de seu país.

A exposição no Canadá:

No Canadá e em Trieste os cônsules organizaram também exposições de cafés brasileiros muito bem-sucedidas.

Em Buenos Aires:

Em Buenos Aires, durante a Exposição Continental, o café brasileiro obteve pleno sucesso e mereceu as mais altas distinções.

Em Paris o Centro da Lavoura e Comércio obteve pela exposição de café a grande medalha de ouro do Concurso anual.

Paris enfim, a capital do gosto, veio a ser chamada a apreciar os cafés do Brasil.

Sobre a demanda do encarregado dos negócios do Brasil junto ao governo francês da República Francesa, o governo francês permitiu que o café destinado a exposição entre com isenção de taxa, salvo a pagar os direitos se ele foi consumido na França. Também, o governo francês colocou graciosamente à disposição do consulado os salões do primeiro andar do Palácio da Indústria durante o Concurso Agrícola do mês de janeiro de 1883. (Nota 1. Por esta exposição de café a grande medalha de ouro do Concurso anual foi destinada em 16 de fevereiro à sociedade Centro da Lavoura e Comércio.).<sup>39</sup>

### **Exposição de café nos EUA (Boston, Nova York e S. Louis)**

Importante observar que os Estados Unidos eram o maior importador de café do Brasil, criando em junho de 1882, a bolsa de café, em N. York, constituída por 112 importadores e negociantes.

O cônsul geral do Brasil foi naturalmente um dos primeiros convidados à cerimônia de inauguração que se passou brilhantemente nos escritórios da nova bolsa, situada no centro do quarteirão dos negócios. Decidiu-se no princípio de apenas se ocupar dos cafés 'Rio', e abriu-se as operações afixando dois boletins recebidos, por cabo, do Rio de Janeiro e indicando o estado do mercado na capital brasileira.<sup>40</sup>

Em junho de 1882, o cônsul do Brasil em Nova York, Salvador de Mendonça, instalou uma exposição de cafés na capital dos Estados Unidos, que abarcou uma grande parte das províncias brasileiras.

A exposição, visitada por 10.435 pessoas, a maior parte das quais negociantes de New York e de outras praças da União Americana.

Os resultados obtidos foram além da expectativa do próprio Cônsul. A New York Coffee Exchange, tendo cedido ao convite de superintendentes nos trabalhos da exposição, associou-se ao Sr. Salvador de Mendonça, para promover a maior concorrência dos competentes e tomou a si julgar os produtos, afirmando o valor de cada um pela cotação do preço do dia.

(...) Classificação do Rio

O parecer da comissão da New York Coffee Exchange refere especialmente algumas amostras que julgou excelentes, colocando acima de todas a de nº 132.837 do Reg. Geral dos herdeiros de Manoel Antônio Esteves e aqui classificados – café lavado superior, redondo. Seguem-se os de Juvêncio Teixeira & Irmão, Francisco Xavier de Moraes Godoy, D. Zeferina Adelaide de Chagas Werneck, Viúva dos herdeiros de Manoel Gomes V. da Cruz, Francisco Marcondes de Moura, Manoel Honório de Campos, Francisco Marcondes Machado e Prado & Chaves por três diferentes tipos. Em todos estes cafés dominam as cores claras e verdes, nenhuma de cor escura.<sup>41</sup>

Importante observar que a região do Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, foi suplantada somente pela produção paulista a partir de 1890. Foi o café "Rio" que alavancou a economia brasileira no exterior. De acordo com o relatório de Amsterdã, o Rio exportou 4.337.418 sacos de café, enquanto Santos, em São Paulo, exportou, entre 1880 e 1881, 1.204.198 sacos do produto. Esses dados revelam que mais da metade da produção mundial de café era brasileira, sendo escoada, sobretudo, pelo porto do Rio.<sup>42</sup>

### **O Brasil na exposição de Amsterdã (1883)**

A exposição de café em Amsterdã (1883) foi a primeira no exterior sob a condução do centro, tendo como delegado Eduardo Lemos, e fez parte da Exposição de Horticultura de Amsterdã daquele ano.

Nunca se imaginaria uma exibição de tal importância, representando a produção de 911 estabelecimentos agrícolas de um só país! Na secção colonial neerlandesa, organizada com esplendor admirável, havia apenas 380 amostras e as de todos os outros países não passavam de 250.<sup>43</sup>

Durante a exposição de Amsterdã, Lemos teve a ideia de juntar no catálogo do café brasileiro informações sobre o Brasil. Queria dar conhecimento “de seus progressos materiais e morais, de suas riquezas naturais e de sua indústria”. Como na Holanda não havia meios para realizar esse objetivo, foi para Lisboa. Reuniu lá material em arquivos do Consulado do Brasil, da Associação Comercial de Lisboa e obteve a colaboração do escritor Ramalho Ortigão, que se encarregou de escrever a “Notícia sobre o Brasil e sua civilização”, servindo de prefácio ao catálogo. Em pouco mais de uma semana o trabalho estava concluído e foi anexado à publicação. Portanto, no catálogo da exposição de S. Petersburgo, o que Rio Branco fez, ao incluir a “Notícia sobre o Brasil”, foi um trabalho de atualização de dados. Rio Branco confirmou isso em carta endereçada a Eduardo Lemos informando que ao preparar “notícias sobre o Brasil” serviu-se “principalmente do notável trabalho por Vossa Excelência publicado em Amsterdã”.<sup>44</sup>

Estrutura organizacional e conteúdo informativo do catálogo: História, família imperial, organização política, religião, aspecto geral – clima, montanhas, rios, lagos e portos marítimos, riquezas naturais e minerais, instrução pública, instituições científicas, bibliotecas, associações literárias, imprensa, instituições de caridade, assistência pública, casas de correção, colônias penitenciárias e disciplinares, finanças, forças armadas, arsenais, colônias militares, correios, telégrafos, telefones, bondes, estradas, linhas de navegação, docas e diques, faróis, movimentação marítima, comércio, indústria e agricultura.<sup>45</sup>

Nota-se um esforço de mostrar um país tropical, afinado com os valores da sociedade europeia. É possível perceber que em ambos os catálogos a mão de obra escrava que sustentava a produção de café é mostrada como um problema resolvido. Ou seja, enfatizava-se a postura do governo de ter optado pela abolição gradual, argumentando ser uma tentativa de evitar uma convulsão social e, assim, buscava-se minimizar a polêmica questão que manchava a imagem do país no exterior. Além disso, compunha o catálogo um artigo de Sant’Anna Nery, no qual sente-se um olhar atento sobre a problemática do café na economia mundial, naquele momento de uma maior interconexão global.

No Brasil, saltamos sem transição do transporte no lombo das mulas para a locomotiva. As colheitas atuais nos chegam, portanto, dois meses mais cedo do que antes. Em vinte e dois dias os vapores as transportam para os países consumidores. Outrora eram precisos oitenta dias aos navios à vela para fazer o mesmo trajeto. (...)

É um erro basear-se nos grandes estoques e na enormidade do estoque do Havre para acreditar em um forte aumento da produção. O acúmulo dos estoques nos portos marítimos é somente consequência das facilidades de comunicação que existem no mundo inteiro.

Estamos, portanto, na presença de uma situação transitória devido aos *novos meios de transportes*.

O choque aconteceu. Ele não se repetirá mais enquanto não se descobrir meios de transporte tão superiores aos meios atuais, quanto estes o são aos mais antigos.

Isto posto, a estabilidade dos transportes estando assegurada, a diferença atual entre a oferta e a demanda só pode diminuir, visto que, na realidade, é o consumo que aumenta.<sup>46</sup>

Dentre outros aspectos da organização do catálogo, pode-se destacar as apreciações de diversos especialistas da área científica sobre as qualidades e propriedades do café brasileiro sobre os de outra procedência, bem como sobre o organismo humano. Dentre os especialistas, podemos destacar: general Morin, diretor do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris; Colliman, do *Economist*, dos EUA; professor Agassiz; Dr. Couty, na *Revue Scientifique* de Paris (22/04/1882); Dr. Ernest Ludwig, diretor do Laboratório de Química da Faculdade de Medicina de Viena; Dr. George Pennetier, diretor do Museu de História Natural de Rouen; Dr. Lucien Martin, do jornal *L'Hygiène Pratique*; Dr. Teresópolis, no 4º Congresso de Higiene e Demografia, em Genebra (1882).

Esses especialistas ressaltam os benefícios e propriedades estimulantes do café, bem como a superioridade dos cafés do Brasil em relação aos de outras procedências. Em relação aos benefícios e propriedades estimulantes é interessante as observações de Lucien Martin:

(...) o café é verdadeiramente indispensável às tropas, não somente para sustentá-las, excitá-las e aquecê-las, mas também para preservá-las ou curá-las de uma doença frequente nas campanhas ou nas marchas, a diarreia, que esgota e abate rapidamente o soldado vigoroso. O café é, portanto, um agente terapêutico preventivo, certamente o melhor de todos. Assim, graças a ele, tem-se nas mãos um meio de ação agradável e eficaz contra as febres intermitentes, que são demasiadamente comuns (...).<sup>47</sup>

Outra observação interessante é a do Dr. Teresópolis:

A popularização do café é, portanto, um elemento de civilização e pode-se julgar a temperança dos habitantes de um país pela quantidade de café que se ingere como bebida.

Por que não tornar obrigatório nos estabelecimentos escolares o uso do café preto após as refeições? Bebida saudável, e com um perfume delicioso, de sabor agradável, a infusão de café é, por seus elementos hidrocarbonatos, um excelente estimulante respiratório por seus princípios nitrogenados. A cafeína, sem ser positivamente alimentícia, levanta o organismo, excita e ajuda poderosamente as funções digestivas. O café jamais tem os efeitos depressivos, hipnotizantes secundários das bebidas alcoólicas (...).<sup>48</sup>



Percebe-se nesses discursos que o café é mostrado como um artigo de primeira necessidade, indispensável ao novo modo de vida das sociedades industriais.

Finalizando, a organização do catálogo apresentava: estatística do café - preços no Rio de Janeiro; empresas de exportação no Rio de Janeiro e em Santos; relação dos expositores, dos respectivos locais de produção, bem como da qualidade do café.

Segundo o relatório do centro, a imprensa holandesa contribuiu para o mais amplo conhecimento do Brasil. Observa ainda que foi importante também a posição dos representantes do Brasil, no sentido de que o momento era para unir os esforços dos produtores de café no mundo para conseguir vencer os problemas gerados pela depreciação dos preços na agricultura. Nesse sentido, o governo holandês acabou por determinar enviar ao Brasil um delegado para colher informações sobre a cultura do café, Sr. van Delden Laerne, funcionário público de elevada categoria e ele mesmo agricultor de café. Segundo discurso de Leopoldo Cesar Duque Estrada, o Brasil foi o único expositor que obteve o Grande Diploma de Honra como o mais perfeito entre todos os concorrentes.(Fig.10)

### **Exposição Brasileira em São Petersburgo (1884)**

Esta e a de Amsterdã – também organizada pelo Centro da Lavoura – foram, sem dúvida, as duas maiores e mais completas exposições de café realizadas até hoje no exterior pelo Brasil. Paranhos Junior<sup>49</sup>

No dia 17 de maio de 1884 foi inaugurada a exposição de cafés do Brasil em S. Petersburgo, na Rússia.

O delegado do Brasil na exposição de cafés brasileiros na Rússia foi, como já salientamos, Paranhos Júnior, que redigiu um relatório minucioso (2 de junho de 1884), dirigido ao ministro e secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, conselheiro Afonso Penna. Destacamos algumas partes significativas desse relato de Paranhos, que demonstram ao mesmo tempo olhar crítico de jornalista e de hábil diplomata.

Paranhos Júnior assim relatou ao ministro Afonso Penna a escolha do local para a exposição brasileira,

(...) o digno ministro junto à Corte, senhor barão de Alhandra, havia obtido a 10 de abril, não sem dificuldade, que a exposição brasileira de cafés do Brasil pudesse ser instalada junto à Exposição Internacional de Horticultura, formando um anexo, ou dependência desta.

O local foi aceito pelo representante do Centro da Lavoura e Comércio, que mandou construir um vasto pavilhão de madeira com a capacidade necessária para receber as mil

mostras de café do Brasil. Havia no pavilhão, além de uma grande sala de exposição com 80m de comprimento e 10m de largura, mais três compartimentos, sendo dois destinados à preparação do café e, o terceiro para depósito.<sup>50</sup>(Fig.11)

Dando continuidade ao relato da exposição, Paranhos, salientou que a exposição durou dezesseis dias e foi inaugurada com a presença de suas majestades o imperador e a imperatriz da Rússia, acompanhados de todos os membros da família imperial, do corpo diplomático, da corte e dos primeiros funcionários deste império, que honraram o pavilhão brasileiro com sua visita.

(...) O número de visitantes elevou-se a mais de 200.000, havendo dias de 18 a 20.000, sobretudo nos últimos dias, em que o preço da entrada foi reduzido. O café foi servido em xícaras a todos os visitantes, oferecendo-se às pessoas de mais distinção pequenas caixas contendo cada uma 200g de café moído de fresco. O número de caixas distribuídas subiu a 20.000.

Todo este serviço foi feito sob a direção e ativa vigilância dos dois delegados do Centro da Lavoura, senhores Araújo Maia e doutor Cunha e Souza. Enquanto a exposição esteve aberta, conservavam-se eles sempre em seu posto, desde as 11h da manhã até às 5h da tarde, recebendo o público, tomando todas as providências necessárias e fornecendo as explicações que lhes eram pedidas pelos visitantes”.<sup>51</sup>

Paranhos informou também no relatório que “(...) Uma pequena brochura em francês e russo, mostrando a importância da produção cafeeira do Brasil, o modo de preparar o café e a utilidade dessa infusão, que começou a ser distribuída no dia 20 de maio e teve doze edições sucessivas”. Pode-se perceber o cuidado dos organizadores, em todos os aspectos, na divulgação do principal produto de exportação do Brasil. (Fig.12)

No final do evento houve distribuição de prêmios de mil amostras de café (dia 30 de maio), sendo concedido um diploma de honra para o Centro da Lavoura e Comércio por sua bela exposição. Na ocasião o presidente da Imperial Sociedade de Horticultura da Rússia expressou as seguintes palavras na ocasião da premiação:

A exposição brasileira, tornou-se verdadeiramente notável pela variedade de tipos e excelente qualidade de cafés, em nada inferiores aos melhores conhecidos, segundo o parecer dos mesmos peritos, dos homens de comércio e de todos os visitantes da exposição.

Nas palavras de Paranhos, a autoridade russa ainda

(...) acrescentou que, atenta à importância da exposição brasileira, uma recompensa extraordinária e especial deveria ser concedida ao Centro da Lavoura e do Comércio.

O congresso aprovou a proposta por unanimidade de votos, no meio de aplausos entusiásticos e prolongados (retalhos apenas nos<sup>os</sup> 10, 17, 18 e 19, *Journal de Saint Péterburg, Novoye Wremya, Novosti e Petersbourgskie Vedomosti*). Ato contínuo, foi assinado o diploma pelos membros da mesa: presidente, almirante Samuel Greig; o

vice-presidente, conselheiro doutor Eduardo Regel; o secretário, conselheiro Pavel Egorevitch Tararinof.<sup>52</sup>

Continuando seu relato, Paranhos mostra a repercussão da exposição na imprensa Russa. E pede licença para reproduzir os seguintes trechos traduzidos do *Petersburgskaya Gazeta*(31 de maio), escrito pelo doutor Axel Hermonius:

Fecha-se amanhã a Exposição de Horticultura e, ao mesmo tempo, cerrar-se-ão as portas do hospitaleiro pavilhão do Brasil. Tudo quanto era possível fazer – como propaganda para tornar conhecido o rico produto brasileiro – foi feito com admirável energia. Só resta agora aguardar os resultados da campanha...

Nós, que nenhuma aptidão temos para o comércio, devemos aprender com estes brasileiros. Descobrimo perspicazmente bom campo para explorar, eles entraram em operações com espírito e tato: não pouparam despesas, trabalhos, nem fadigas para chegar ao seu fim e alcançar a vitória; e tudo isso fizeram, não movidos de interesse pessoal, mas combatendo pelos grandes interesses de seu país; tudo isso foi feito por uma sociedade que se consagrou especialmente à defesa dos interesses da agricultura e do comércio.

Pode-se por aí formar ideia de como se compreende no Brasil o bom público e como por lá se sabe servir dedicadamente a essa causa. Tão grande exemplo ser-nos-á mais útil ainda [que] todo o bom café do Brasil.<sup>53</sup>

Destacamos mais alguns recortes de interesse do relatório :

Jornal de *Saint Petersburg* (31 de maio)

Sem subvenção de qualquer espécie, movido pelo desejo de fazer aqui o que já havia feito em outras capitais da Europa, [o Centro da Lavoura] aproveitou-se da Exposição de Horticultura para impor ao nosso público, de certo modo, o conhecimento do produto brasileiro por excelência: o café. Essa energia, esse espírito de iniciativa lhe valeu antes de tudo a simpatia e a estima de todos aqueles que creem que as relações comerciais e de outra natureza entre as nações ganham em ser estabelecidas diretamente e são notavelmente facilitadas pelo contato pessoal entre os homens chamados a dirigi-las. Sob esse aspecto, pode-se bem dizer que a Sociedade Brasileira da Lavoura [o centro] terá conseguido um sucesso completo Seus delegados na exposição desenvolveram uma atividade à americana.<sup>54</sup>

O *Petersburgski Listok*, de 2 de junho, redator A. Sokoloff:

Os expositores brasileiros alcançaram aqui belíssimos resultados. Gastaram, oferecendo ao público gratuitamente 500 garrafas de licor de café e 8.000 libras de café, mas obrigaram os nossos negociantes e grande parte da população desta capital a reconhecer que os cafés do Brasil não são inferiores aos melhores da Arábia, e decidiram os importadores desta praça a entrar em relações diretas com os lavradores do Brasil, fazendo vir dali partidas consideráveis de café. A comissão brasileira conseguiu, portanto, brilhantemente o seu fim.<sup>55</sup>

Percebe-se no relatório do diplomata Paranhos enviado ao conselheiro e ministro Afonso Penna a intenção de enaltecer o trabalho do Centro da Lavoura e Comércio para o bom êxito da exposição de cafés brasileiros em São Petersburgo. Ressaltando que

(...) esta e a de Amsterdã (...) foram, sem dúvida, as duas maiores e mais completas exposições de café realizadas até hoje pelo Brasil. (...) a exposição do Centro da Lavoura e os exemplos de patriotismo, de enérgica atividade, de inteligente e fecunda iniciativa que oferecia essa associação provocaram gerais aplausos, dando lugar a muitas e significativas manifestações de simpatia ao Brasil e aos brasileiros.<sup>56</sup>

Paranhos reforça suas palavras sobre o Centro da Lavoura e o bom êxito da exposição, destacando um comentário de jornal de São Petersburgo:

É esse, como Vossa Excelência verá pelos retalhos apensos, o juízo da imprensa russa. “os brasileiros”, disse o *Petersburgskaya Gazeta* “(...) compreendem belamente a sua missão aqui. Dão antes de tudo, informações mui interessantes sobre sua pátria, tão pouco conhecida entre nós; começam por tornar simpático e popular seu país, e depois tratam de popularizar os seus produtos”.<sup>57</sup>

A documentação conservada no Real Gabinete Português de Leitura e no Arquivo Histórico do Itamaraty foram fundamentais para compreensão da história do café e do comércio exterior do último decênio do império brasileiro. Verificou-se, através dos acervos de ambas as instituições sediadas no Rio de Janeiro, que as exposições internacionais organizadas pelo Centro da Lavoura e Comércio, entre 1881 e 1884, foram exitosas na divulgação do café e do país, contribuindo para a vinculação do produto à nação brasileira. Comprovou-se ainda a participação de comerciantes portugueses do alto comércio, como Eduardo Lemos e Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, na elaboração da política econômica/comercial do país, que visava maximizar as exportações de café.

Destacamos também a importância do Vale do Paraíba do Rio de Janeiro na produção e exportação de café nos anos de 1881-1884. Ou seja, era do porto do Rio de Janeiro que partia o grosso a produção de cafés do Brasil para o mundo. E o café “Rio” era considerado o melhor do mundo. Pode-se afirmar que era o Rio de Janeiro, a cidade capital do Brasil, emprestando prestígio ao principal produto de exportação do Império do Brasil, que passou a ser marca da identidade do país, café Rio, café Brasil.

## Índice de Ilustrações

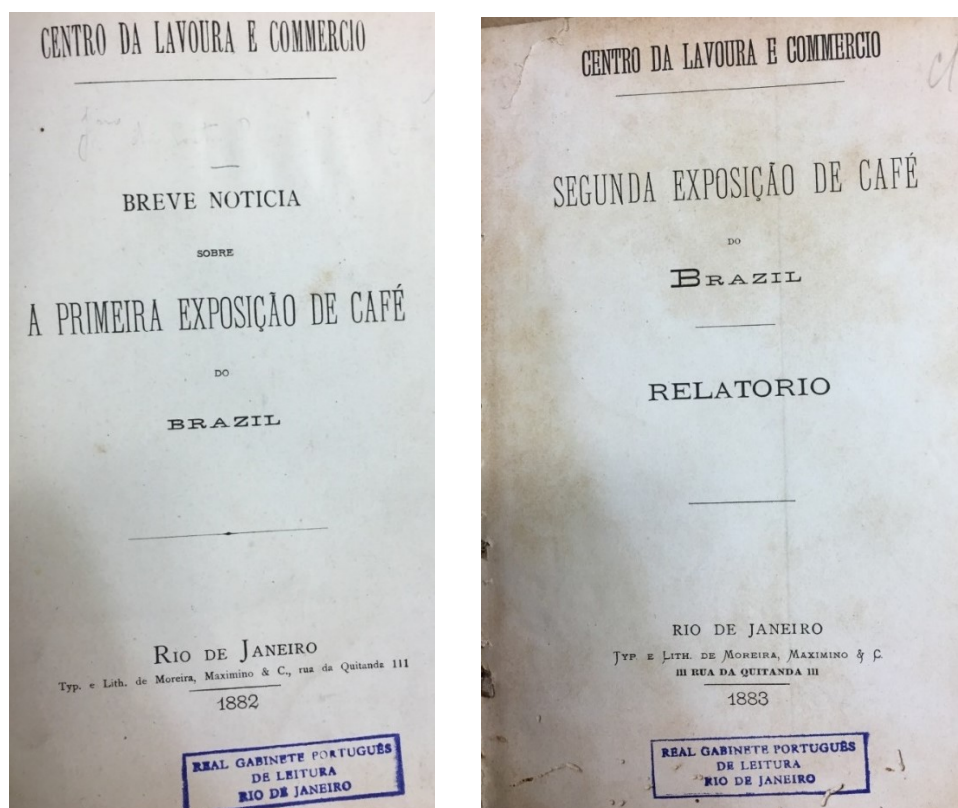


Figura 1: Folha de rosto de Breve notícia sobre a primeira exposição do café e Segunda Exposição de café do Brasil. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.

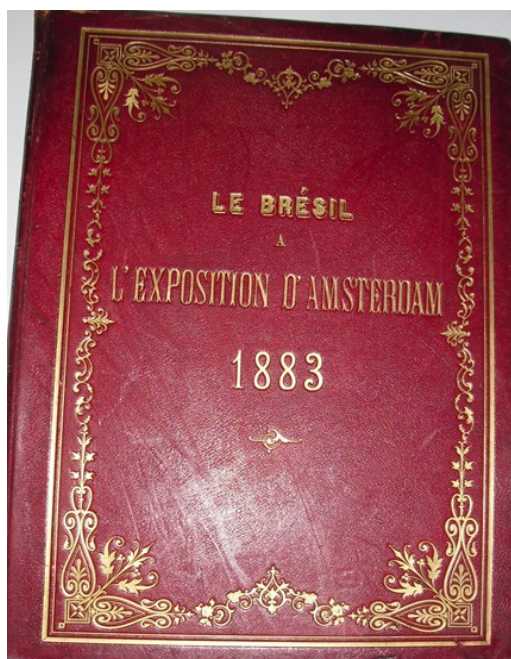


Figura 2: LEMOS, Eduardo. *Le Brésil a L'Exposition Internacionale D'Amsterdam 1883*. Lisboa: TypographiaCastro&Irmão, 1883.

Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.

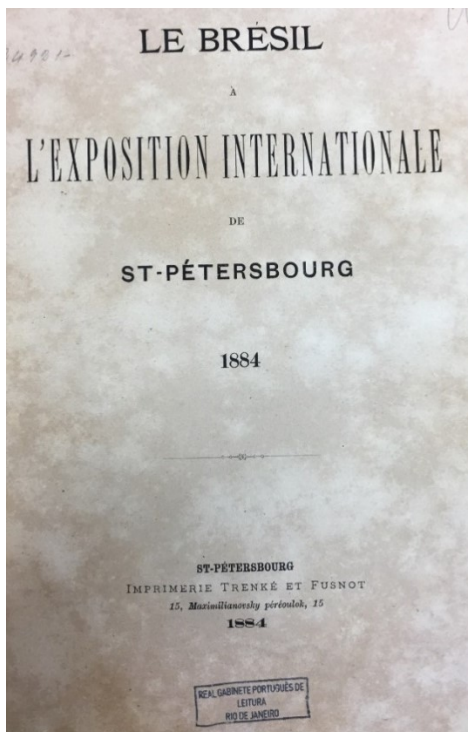


Figura 3: PARANHOS, Júnior. *Le Bresil a L'Exposition Internacionale de ST-Petersbourg, 1884*.

Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.

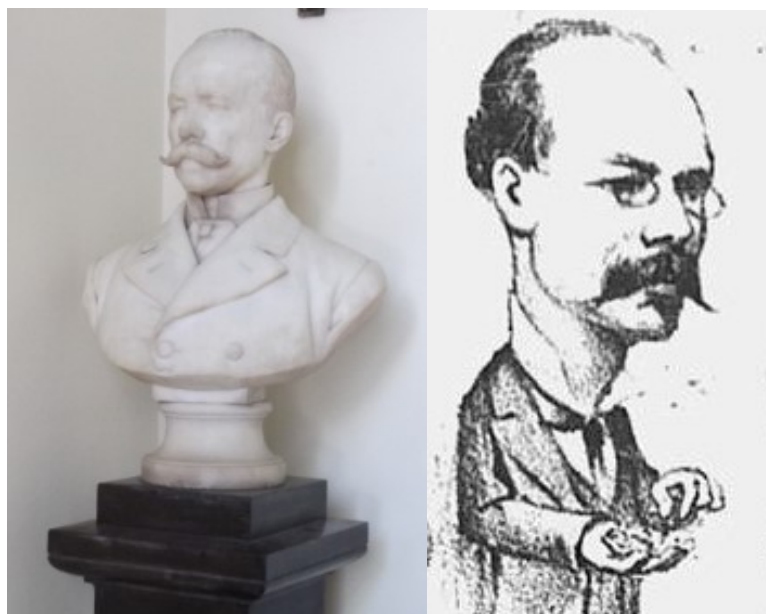


Figura 4: Busto de Eduardo Lemos, pelo escultor português José Simões de Almeida Jr.; caricatura de Eduardo Lemos, pelo ilustrador Angelo Agostini.

Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.



Figura 4.1: Caricatura de Ramalho Ortigão, pelo ilustrador Angelo Agostini; busto de Ramalho Ortigão, pelo escultor português Costa Mota. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura

Maria Carolina de Araujo	Ma
Maria Gertrudes de Oliveira Monteiro	Me
Maria Candida Perpetua	Ma
Maria Clementina de Magalhães	Mi
Maria Francisca de Avellar	Mi
Maria Rosa de Araujo Pinheiro	Mi
Maria Joaquina Vieira Manso	Mi
Maria dos Anjos Sanches Paiva	Mi
Maria Rita Marcondes Moreira	Mi
Maria Corrêa Abrahão	Mi
Maria Pereira da Silva Alves	Mi
Maria do Carmo & Filhos	Mi
Maria Soares Louzada e Souza	Mi
Maria de S. José	Mi
Maria Magdalena de Freitas	Mi
Maria Brigida de Jesus Esteves	Mi
Maria Candida de Moura	Mi
Maria Francisca de Jesus	Mi
Maria Pereira do Carmo	Mi
Maria Antonia de Oliveira & Filhos	Mi
Maria Luiza de Jesus	Mi
Maria Guimarães Leite (Espolio de)	Mi
Mariana Leite & Genro	Mi
Mariana Theresa de Jesus Monteiro	Mi
Mariana Angelica do Amaral Fraga	Mi
Mariana Marcellina de Abreu	Mi

Figura 5: As “Marias” empresárias do café. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.



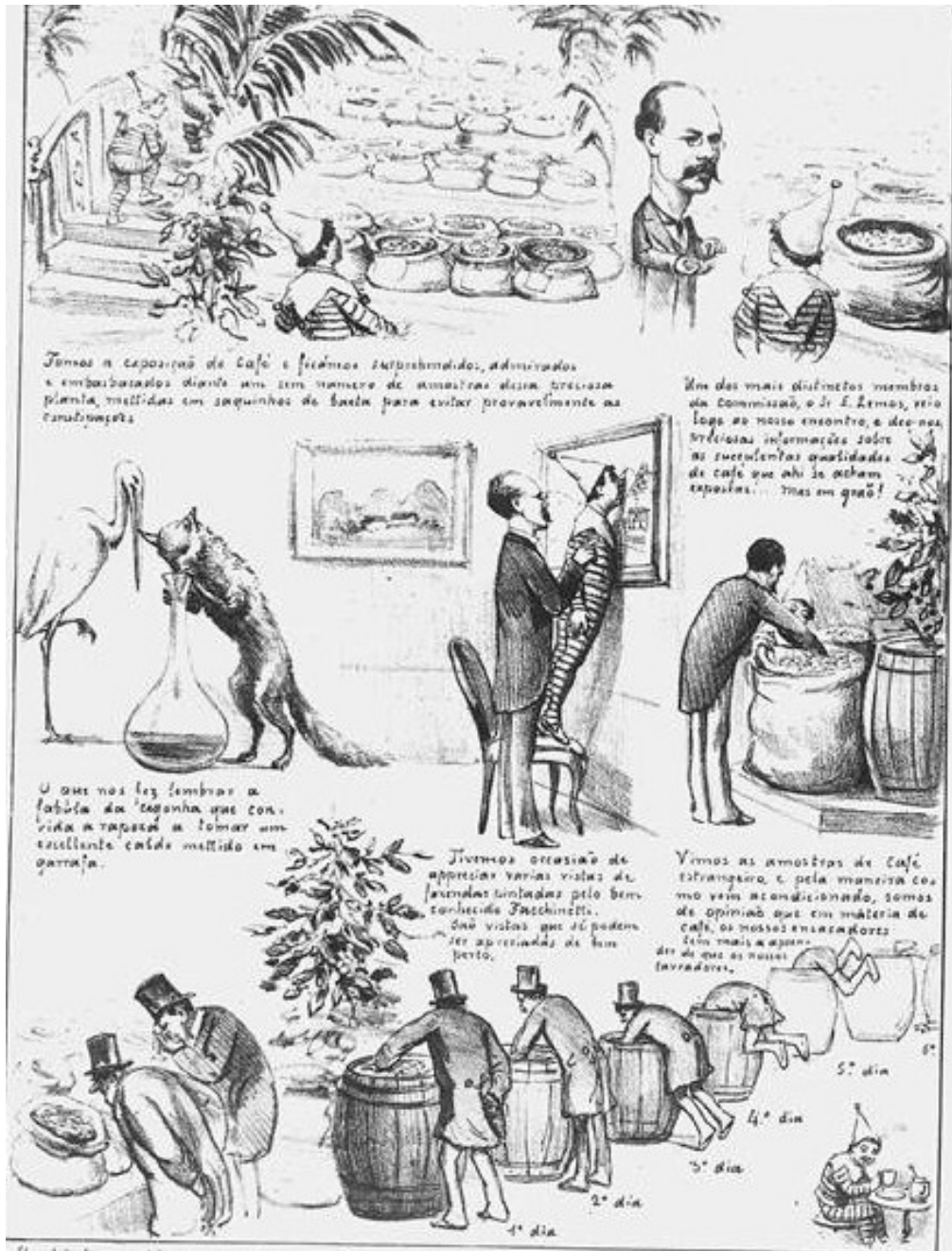


Figura 6: Página da *Revista Illustrada* referente à Primeira Exposição do Café no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, edição nº 274, 19 nov. 1881. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.



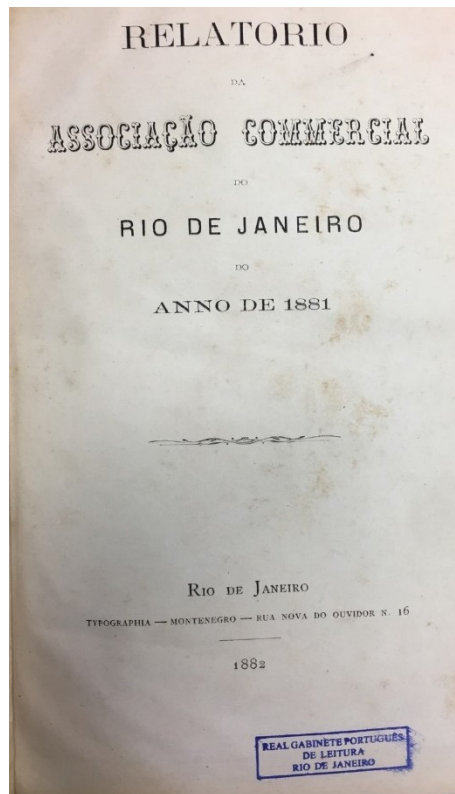


Figura 7: Folha de rosto de Relatório da Associação Commercial no Rio de Janeiro do Anno de 1881. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.



Figura 8: Exposição Continental de 1882, quiosque de distribuição de café em Buenos Aires. Acervo: Biblioteca Nacional.



Figura 9: Exposição brasileira em Atenas, 1883.  
Acervo: Biblioteca Nacional.

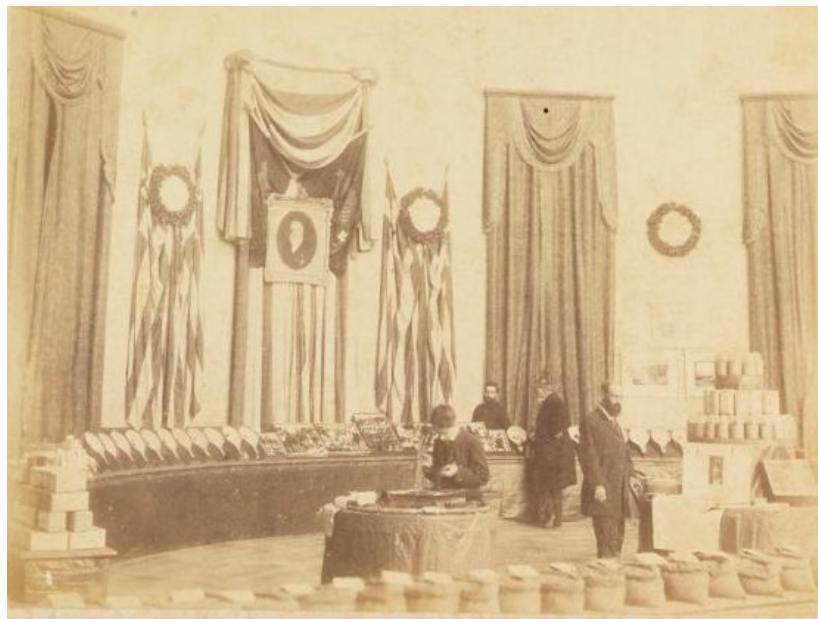


Figura 9.1: Exposição brasileira em Atenas, 1883.  
Acervo: Biblioteca Nacional.



Figura 10: Diplome Commémoratif de l'Exposition Internationale Coloniale & d'Exportation Générale. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.





Figura 11: *Revista Illustrada* em que o bem informado caricaturista Angelo Agostini se antecipa e imagina em quadrinhos o que seria a exposição de São Petersburgo, ocorrida em maio de 1884. Em destaque, Eduardo Lemos, Ramalho Ortigão e Pedro II. Edição nº 364, 16 dez. 1883.  
Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.

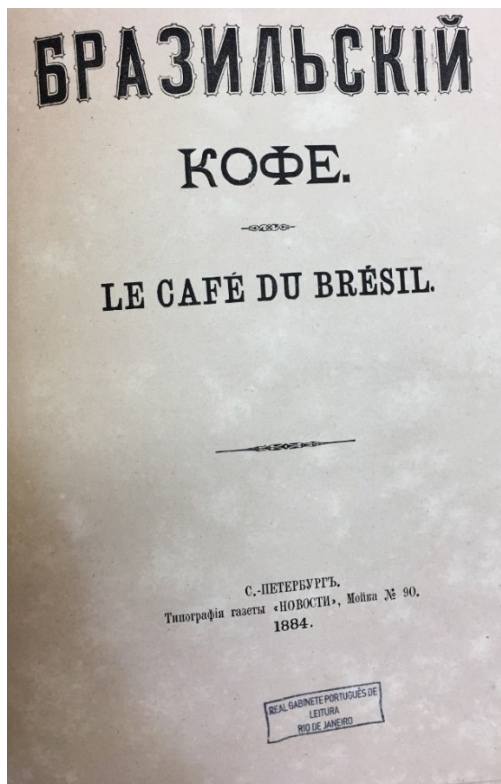


Figura 12: Brochura em francês e russo de autoria do secretário N. I. Dumontier sobre a produção cafeeira no Brasil, a maneira de preparar o café e suas qualidades. Distribuída durante a exposição de São Petersburgo, teve doze edições sucessíveis.  
Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.



Figura 12.1: Crítica alusiva à exposição na Rússia. *Revista Illustrada*, edição nº 364, 16 dez. 1883. Acervo: Real Gabinete Português de Leitura.

## Notas

<sup>1</sup>LEMOS, Eduardo. *Le Bresil a L'Exposition Internationale D'Amsterdam 1883*. Lisboa: Typographia Castro & Irmão, 1883.

<sup>2</sup>Ver outros trabalhos sobre o assunto em: TELLES, Angela. “A persistência de portugueses na liderança do comercio exterior no final do império e a construção de uma nova imagem de Portugal no Brasil”. Comunicação apresentada no 6º Colóquio do PPLB Portugal no Brasil. Disponível em: <http://www.realgabinetecom.br/portalweb/portals/0/documentos/6coloquioppb-folderpdf>; “Pistas sobre a história do café na *Revista Ilustrada*”. In: *O real em revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas*. Gilda Santos (org). Rio de Janeiro: Oficina Raquel/Petrobras/ Real Gabinete Português de Leitura, 2015.

<sup>3</sup>PARANHOS Júnior, José Maria da Silva. “Exposição brasileira em São Petersburgo”. *Cadernos CHDD*, ano 11, número especial. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/1055-Cadreno\\_CHDD22.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1055-Cadreno_CHDD22.pdf).

<sup>4</sup>DÖPCKE, Wolfgang. “Apogeu e colapso do sistema internacional europeu 1871-1918”. In: *Relações Internacionais: dois séculos de História: entre a ordem bipolar e o policentrismo*. Jose Sombra Saraiva (org.), Brasília: FUNAG 2001.

<sup>5</sup>TOPIK, Steven C. “O barão do Rio Branco e a aliança com os Estados Unidos. In: CARDIM, Carlos H. e ALMINO, João (orgs.). *Rio Branco, a América do Sul e a modernização do Brasil*. Rio de Janeiro: EMC, 2002, p. 411.

<sup>6</sup>TAUNAY, Afonso de E. *História do café no Brasil* (15 vols.). Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, vol. 6, tomo 4, p.129-130.

<sup>7</sup>CHDD. Ano 11, caderno especial, 2012, p. 182-183.

<sup>8</sup>LEMOS, Eduardo. Op. cit.

<sup>9</sup>CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem / Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

<sup>10</sup>PARANHOS Júnior, José Maria da Silva. Op. cit.

<sup>11</sup>ALEGRIO, Leila Vilela. *Donas do café: mulheres fazendeiras no Vale do Paraíba: Rio de Janeiro século XIX*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

<sup>12</sup>Idem, p. 93.

<sup>13</sup>PARANHOS Júnior, José Maria da Silva. Op. cit., p. 96.

<sup>14</sup>CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 200.

<sup>15</sup>Idem.

<sup>16</sup>TABORDA, Humberto. *Resumo histórico*, 1940, p. 137.

<sup>17</sup>Ver *Biografia de Rio Branco*, escrita em 1945 por Álvaro Lins; *Rio Branco a América do Sul e a modernização do Brasil*, organizada por Carlos Henrique Cardim e João Almino, 2002; catálogo da exposição de São Petersburgo de autoria de Paranhos Júnior, bem como o *Relatório da exposição brasileira em São Petersburgo*, conservados no Arquivo Histórico do Itamaraty e publicados pelo Centro de História e Documentação Diplomática em *Cadernos do CHDD*, 2012 e 2013.

<sup>18</sup>CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 46.

<sup>19</sup>MARTINS, Ana Luiza. *História do café*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2008.

<sup>20</sup>PESSAMILIO, H. M R. “A dinâmica social do café” In: *Instituto Brasileiro do Café: o café no Brasil*. Rio de Janeiro: MIC - IBC, 1978.

<sup>21</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. cit., p. 78-79.



---

<sup>22</sup>MARQUESE, Rafael de Bivar e TOMICH, Dale. “O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil imperial*, vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

<sup>23</sup>Idem, p. 344.

<sup>24</sup>Ibidem.

<sup>25</sup> CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. *Breve notícia sobre a primeira exposição de café do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1882.

<sup>26</sup> “Representação apresentada ao Poder Legislativo em 222/8/1882”. In: CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. Op. cit., p. 13.

<sup>27</sup>Idem.

<sup>28</sup> TOPIK, Steven C. Op. cit., p. 407.

<sup>29</sup> CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 250.

<sup>30</sup> LEMOS, Eduardo. Op. cit., p. 53.

<sup>31</sup>Idem

<sup>32</sup> CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. Op. cit.

<sup>33</sup> TAUNAY, Afonso de E. Op. cit., vol. 6, tomo 4, p. 131.

<sup>34</sup> CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. Op. cit.

<sup>35</sup> Ver *Relatório da Segunda Exposição de Café do Brasil*. CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO, Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1883.

<sup>36</sup> CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. *Breve notícia sobre a primeira exposição de café do Brasil*, Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1882.

<sup>37</sup> ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório da Associação Commercial do Rio de Janeiro no Ano de 1881*. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1882.

<sup>38</sup> Imagens encomendadas ao fotografo Marc Ferrez. Ver relação de objetos que compuseram a exposição de São Petersburgo em PARANHOS Júnior, José Maria da Silva. “Exposição brasileira em São Petersburgo”. *Cadernos CHDD*, ano 12, nº 22, primeiro semestre de 2013. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013, p. 629-651.

<sup>39</sup> CENTRO DA LAVOURA E COMÉRCIO. *Relatório da Segunda Exposição de Café do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1883.

<sup>40</sup>Idem.

<sup>41</sup> Relatório publicado no *Jornal do Commercio* de 16 de fevereiro de 1883. In: *Relatório da Segunda Exposição...* Op. cit., 1883.

<sup>42</sup> LEMOS, Eduardo. Op. cit.

<sup>43</sup> Idem. Expositor Centro da L. C – 1003, amostras de café das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo.

<sup>44</sup> LEMOS, Eduardo. Op. cit., p. 60-61.

<sup>45</sup> LEMOS, Eduardo. Op. cit.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> PARANHOS Júnior, José Maria da Silva. “Exposição Brasileira em São Petersburgo - Relatório”. *Cadernos do CHDD*, ano 12, nº 22, primeiro semestre de 2013. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013, p. 629-651.



<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem. A exposição na Rússia foi organizada pela associação Centro da Lavoura e do Comércio do Rio de Janeiro. Com o acordo e sanção do governo imperial do Brasil. Ministro do Brasil na Rússia, senhor barão de Alhandra, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Sua Majestade o imperador do Brasil. Comissão brasileira na Exposição de São Petersburgo: delegado do governo imperial e presidente da comissão, J. M. da Silva Paranhos, antigo deputado e J. Dumontier, chefe do Batalhão de Engenharia, aposentado. Membros: H. de Araújo Maia, representante do Centro da Lavoura e do Comércio, A. E. Schwabe, cônsul-geral do Brasil na Rússia e C. Gericke, vice-cônsul do Brasil em São Petersburgo.